

A VERDADE

02 DE MARÇO
DE 1884

PARAHYBA DO NORTE.

GUERRA AOS TYRANNOS

DEFESA AOS OPPRIMIDOS

A VERDADE

PERIODICO CRITICO, NOTICIEIRO E POSITIVO

N. 2º

DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 1884.

ANNO I.

SERIE 1ª.

Assignatura por uma serie de cinco numeros \$000
Pagamento adiantado.

Os Srs. assignantes nada pagarão por suas publicações.
Subscrêve-se n'esta typographia.

AVISOS.

As pessoas que se dignarem hoarar-nos com suas assignaturas, que residirem no interior da capital, poderão enviar as importancias das mesmas pelo correio.

Outro sim, as correspondências deverão ser dirigidas, convenientemente subscriptas, ao escriptorio, d'esta typographia, rua Baque de Caixas n. 33, que fielmente serão entregues a esta

Redacção.

Provizimos aos nossos assignantes, que, do dia 1 de corrente em diante, mandaremos proceder a cobrança das assignaturas da « A Verdade », relativas a primeira serie, que está sendo publicada

Noticiario.

Pranchadas.—Na noite de 23 do mez passado, de oito para nove horas, um pobre velho aleijado, de nome Ignacio,

que, segundo nos consta, mora em Cabedello, ou em Ponta de matto, foi espancado por um soldado que se achava de sentinella na frente do thesouro provincial, por ter o pobre velho sentado-se em o degrão do passeio do edificio para descarregar um pouco.

O tal soldado depois de sovar o pobre, bradea as armas, como se aquella miseravel creatura o escovasse atacando-o, brado sendo correspondido pela sentinella do quartel, correo toda guarda do mesmo e mais alguns soldados, em grande alarmo em socorro da sentinella agredida!

O Sr. subdelegado do 2.º districto observou, não as *respeitadas*, por ter chegado depois, mas o alarma e o velho queixando-se da tunda.

Quem dá em um miseravel como o velho Ignacio espancaria Jesus Cristo, se o visse.

Que tempo, meu Deus!...

Mercado publico.—Consta-nos que os peixes vindos para o mercado, em lugar de serem postos em retalho por aquellas pessoas que os comprão nas praias, e assim serem vendidos por um preço razoavel, são a maior parte d'elles

attacados por certos negociantes que, protegidos por quem quer que seja, abusão das posturas municipaes e de accôrdo, uns com os outros, os vendem por um preço exorbitante, resignados a esperar até que a mercadoria esteja arruinada, como já se tem observado.

Não affirmamos ser inteiramente exacto o que acabamos de diser; mas o que é certo é que um Viciro, Vicente, Manoel Manguera e outros não vão em praias, nem deitão o callão aos hombros, e entretanto são elles os principaes mercadores de peixes que se encontra no mercado,

Só se elles teem creação da *raça marinha*.

Isso é escandalo. A Illustrissima deve passar uma *fiscalização* em seus fiscaes. Não achão?

Apulcho de Castro.—Hôje transcrevemos em nossas collunas, na secção competente, conforme promettemos em o numero passado, o artigo que o collega do « Rebato » publicou em seu n. 2 de 10 de Janeiro do corrente anno, accusando a S. A. o Sr. Conde d' Eu de principal auctor do assassinato do infeliz Apulcho.

E' de crer que S. A. já tenha



promovido, pelos meios competentes, sua justa defesa contra tão grave accusação, da qual não sahindo illezo, é para o Brazil lastimar que a estrada da corrupção tenha sido tão franca para a situação actual.

Veremos:

Mil supposições —teem aparecido acerca da redacção da « A Verdade ».

Uns são da oppinião e propalão que são os redactores do « Popular », outros dizem que são os Srs. major Sá Pereira, capitão Vicente do Rêgo e diverços.

Apressamo-nos, portanto, em declarar que nenhum d'esses Srs. nada tem com esta redacção. E o que podemos affirmar.

« A Verdade ». —Tendo sido a tiragem do 1º numero de nossa gazeta apenas de trezentos exemplares, nos restão poucos; prova isso que « A Verdade » encontrou alguma acceitação, não sendo ella, porém, total (e nem era possível) visto que alguns cavalheiros não acceitarão a assignatura, ou porque não lhes agradasse o programma, ou porque detestem o substantivo que se lê em letras grandes em seu frontispicio.

Cumpra-nos, portanto, agradecermos as pessoas que se dignarão honrar-nos com suas assignaturas, e pedirmos aos collegas das outras provincias, que não receberem o primeiro numero, hajão de nos desculpar, attendendo ao que acabamos de expor.

Secção critica.

—Rapadura é couza dura ?
—E' sim senhor . . .
Ora *bolis seu Chico* :
Não gosto d'ella nem um tico.

§

Ponha de parte a rapadura, mô-

co : bem se sabe que S. S.ª é chefe de uma repartição importante, e que é pertencente a uma das familias respectaveis da Parahyba ; por isso mesmo deve S. S.ª tirar o prego do chapéo e ser mais politico ; não acha ?

§

Deixe-se de bobage, senhor meu, que . . .
Rabala não é macotó, nem papagaito é socó.

—»»»»—

Por fallar em socó . . .
Passava eu pela rua do professor Quatino, em uma tarde do mês passado, (erão três horas) observei vir voando lá das bandas do porto um passaro que, a principio, só me pareceu um ganso e que conduzia um objecto prezoso ao bico.

Suspendi os passos para observar-o de mais perto, pois elle vinha com direcção á cidade alta. Chegando perto, pousou sobre o muro do sitio dos Vinagres, talvez para descansar. Fui então approximando-me, afim de examinar a qualidade do tal passaro e qual o objecto que com tanto cuidado conduzia. Verifiquei não ser um ganso; porem não pude conhecer a que raza pertencia, pois tinha as pernas, pescoço e bico demasiadamente compridos.

N'essa occasião passava um menino cantariolando as quadras molecorias: —*Maria Roza foi*. . .
—O' meu filho, (chamei-o) sabes dizer-me que passaro é aquelle que está alli ?

—Pois Vmc. não conhece-o? . . . Não vê que é um socó-boi ?

—E de onde veio este socó, que é passaro que habita lá para as bandas do . . .

—Pois este habita aqui mesmo, e costuma passar lá para as bandas do mangue, algumas vezes por aqui, outras por alli pela *quitandinha*.

—E aquelle objecto que elle conduz no bico, o que será ?

—E' o que não lhe posso affirmar.

Approximando-me ainda mais ao bicho é quando a menino brada-me:

—Olhe . . . olhe, é uma panella de ferro que . . .

—Uma panella de ferro !!

O socó bateu a *linda plumagem*, e então foi que pude observar que no fundo da panella achavão-se escriptas as iniçias —*L. F. C.*—

O menino que mais não tinha que ver, continuou o seu caminho e *chul'u*: —*p'ra bica, foi chorando*. . . .

§

Pois é verdade, não é lá *historia* de romances.

—»»»»—

Por fallar em romance: quando terá fim o que está sendo publicado no « Liberal Parshybano » ?

§

Hade ter um desenlace importantissimo.

§

Lá isso tem, é verdade!

—»»»»—

E vme. senhor *guteiro* velho, quando também pretende lavar a nodosa que deitou na familia de seu ex-discipulo e copadree ?!

§

Levante a cabeça, abra os olhos, e repare bem para sua *elocuencia* em certo tempinho que ainda está muito *freshinha*.

§

Depois não diga que *sabbato* *chateu e domingo* *foi sol*, nem que « A Verdade » é *fallada* e que não merece credito.

§

Quem aviza-me meu amigo é.

—»»»»—

Ponta ou cabeça ?

§

Dau um doce a quem souber responder.

§

Era p'ra . . . Isso só o Sr. capitão Medeiros ; que diz ?

—»»»»—

Leitores da « A Verdade » : a um de vós, o mais *pachorrento*, pesso me decifreis uma charada, a qual copiei de um cartaz que, na terça-feira de carnaval, trazia as côsta um mascarado, e que por

mais que tenha eu dado voltas ao *muito* ainda não foi possível delixal-a em pratos limpos.

Fil-a :

§

« Sou alimento preferido Para o convalescente e creança—2 Sou a côr a mais allegre; Sou a côr da esperança—3

Conceito

Sou muito familiar.
Vivo sempre *empoleirado*;
Para entreter o ouvido.
Gosto sempre palestrar
Com as moças, e por brinquêdo
Se ellas me dão o dêdo,
Planto-lhe o bico sem dô . . .
Quem decifrar o conceito
Como empregado é acceito
No trapiche—*boi-socó*.»

—»»»»—

Porque não houve a nossa tradicional procissão de cinzas ; um dos primeiros actos da quaresma?

§

Esses *meninos* sabem e fallão couzas ! . . .

§

Uns dizem que foi porque o *acta* expulso da Ordem 3.ª Franciscana, *foi a Billa* e denunciou ao Provincial do irmão *Fuão*, que deve a mesma ordem a *bagatella* de um conto e tantos, e que o padre Provincial mandou que em meza se procedesse o divido exame, e que se incluisse como effectivo o irmão denunciante.

§

Otros dizem que foi por que a ordem se achava *abandada* e por tanto *interdicta*.

§

Não sei por que : o certo é que ahí anda *couza*, ou *quachinin* ou *rapouza*, e que por isso a procissão de cinzas—*cifra*—

—»»»»—

Leitores, por hoje, despede-se de vós, immensamente saudôzo, este vosso muito humilde reverente creado obrigadissimo.

—»»»»—

Arara

Transcripções.

Sr. Conde d'Eu

« Esse aventureiro bandido, expulso de França como homem perigoso á ordem publica, chegou ao Brasil como uma verdadeira ave de arribação ; o expatriado encontra desgraçadamente neste Paiz a sua felicidade, contractando casamento com a Sra. D. Isabel, filha mas velha do Sr. D. Pedro II. Desde esse dia passo a mais uma grande desgraça, mais uma verdadeira calamidade sobre o Brasil inteiro.

Era mais um tyranno expulso de sua patria, como indigno de lá viver, que vinha por sua vez, augmentar o numero dos malvados entes que possuem a casa principesca deste inditoso Paiz.

O tufo da desgraça acabava de passar pelos horizontes do Brazil, e amavam espeça da escuridão, annunciava por sua vez, que tinha chegado a hora fatal de nossas expiações.

E com effeito.
O Sr. Conde d'Eu acaba de fazer rolar por terra uma victima aos golpes de punhaes de um grupo de criminosos pertencente ao regimento da guarda do Rei.

Maldito tyranno ! . . .
Maldita vingança ! . . .
Esse malvado querendo vingar-se de um artigo que escreveu Apulcho de Castro, demonstrando que elle era uma verdadeira lepra social, entendeu de si para si, que devia vingar-se.

E a sua vingança foi mesquinha e só propria de um covarde, obrigou aos soldados brasileiros a commetterem um assassinato frio e ao mesmo tempo covarde, machando as suas gloriosas tradições, no sangue de um homem innocente.

Nunca o soldado brasileiro praticou um acto de covardia, e só o tyranno do Sr. Conde d'Eu a isso o obrigou.
Quando esse homem pisou o nosso solo, uma estrella má guiou os seus passos, melhor seria que o navio que trazia esse tyranno ficasse sepultado nas grandes ondas que se levantam no meio do oceano.
Era o destino que o trazia para aqui.
Nascido na maior das devações, corrupto, immoral e ebrio, só no Brasil esse sangui-nario monstro podia encontrar um casamento, que lhe desse um meio qualquer de vida, pois elle morria á fome.
Vagabundo, indolente e proguçoso, o Sr. Conde d'Eu, por um desses acasos nasceu n'uma casa de principes e talvez sem ser filho de casal, uma criação feliz, que a sorte lhe lhe sorria ao nascer, e abri vive n'um mundo de delicias, sugando tambem por sua vez o suor do pezo brasileiro, que morre no trabalho para se manter ; enquanto esse *fel-sardo*, que foi considerado indigno de viver em sua patria, e não querendo perder os *direitos de sangue real*, casou-se com uma princeza brasileira, e isso foi muito bastante, para que esse tyranno, viesse casanguentar o solo brasileiro, com o sangue de uma victima illustre, que o seu unico crime, foi tentar moralisar o Rio de Janeiro, o foco de tudo quanto é corrupção, partindo do alto throno do Sr. D. Pedro II, estendendo-se até a casa do *fielgo* mais insignificante do Paço de S. Christovão.
Um dia Apulcho de Castro quiz moralisar o Sr. Conde d'Eu, afim de ver se conseguia fazer de um *caballão* um homem de bem.
Foi em vão . . . Trabalho baldado ! . . .
O Sr. Conde d'Eu p'ra tinha projectado assassinar Apulcho

de Castro, manda chamar o 1.º piquete de regimento da guarda do rei, e manda executar o assassinato mais covarde que temos visto.

De prompto foi obedecido. e no dia 25 de Outubro Apulcho de Castro era assassinado em frente da secretaria da policia, pelos soldados do rei, a soldo do Sr. Conde d'Eu e dos se- quazes que o acompanhavam nessa infame jornada.

Eoi o Sr. Conde d'Eu o verdadeiro e principal assassino de Apulcho de Castro.

Maldição caia sobre a sua cabeça, vingando o povo brasileiro mais tarde tão cruel assassinato ».

(Do Rebate)

—»«—

Desaparição de uma ilha.

Grande alvoroço entre os astrónomos. Desapareceu uma ilha de Marte. E' pelo menos esta noticia que se lê logo nas paginas das *Terras do Céu* de Flammarion, actualmente publicadas em uma edição inteiramente refundida. Os astrónomos nos tem feito taes progressos no estado desse planeta visinho que conhecem já hoje os seus principaes detalhes geographicos, seus mares e praias, e chegarão até a desenhar as embocaduras dos rios principaes.

Sabe-se por exemplp que os pólos de Marte são *melhor conhecidos* que os da terra? E todavia nada mais verdadeiro. Observam-se as neves que se amontoão no inverno e fendem no verão, e reconhece se mesmo q' o polo geográfico fica completamente livre do gelo cada estio. A ilha que constitue n'este mo-

mento o objecto da discussão dos sabios parecia elevar se no meio das aguas, como solitario muitas vezes embranquecido pela neve e cercada de nuvens que se condensam alli como nos Alpes.

Era a ilha de Theneriffe de Marte mais elevada sem duvida, mas não se erguendo como os Alpes e os Pirineus até a região das neves eternas. Flammarion pensa que sua desaparição actual provém simplesmente de que as neves que a croavam se derreteram, e cita, com effeito, muitos exemplos de desaparições apparentes e analogas.

(Do Cruzeiro)

Variedade.

A proposito dos leucos.

— Não entendo.

Tal era a phrase que constantemente repetia um d'esses doudos, que são encontrados pelas praças das cidades, verdadeiras celebridades do meio da rua.

— Como vais. E...? pergunta- te-lhe.

— Não entendo.

— O que ha de novo?

— Não entendo.

— O que dizes da politica?

— Não entendo.

— Choverá hoje?

— Não entendo.

Um dia um sujeito perguntou-lhe:

— O que é que tú não entendes?

— Uma couza muito simples.

— Vejamos.

— As mulheres cazadas não enfeitão os filhos. as viúvas não tem filhos, as solteiras também não os tem, e no entre- tanto a caza dos opositos está cheia de creanças!...

—»«—

A' uma Viuva.

Viuva já cinco vezes!...
O' mulher—striquinina!
Ainda ha bém poucos mezes
Eras casada, menina...

Se tú vaes assim matando
Se tomas a couza a serio!
Bém podés ir alugando
Por cautella... um cemiterio.

—»«—

RECEITA

— Para os nuntorados

Dez onças de REFLEXÃO;
Quatro oitavas de INDIFERENÇA
Seis grãos de TEMOR DE OFFEN-
ÇA:

Dous molhos de INGRATIDÃO;
Tres quartas de OCCUPAÇÃO;
Um punhado de RIVAL;
Cinco dozes de ALGUM MAL;
Para entreter as idéas,
Setenta chavenas cheias
De CONVERSACÃO COM SAL;
Misture e ponha a coser,
Que lhe fique em terça parte,
E deixe esstirar com arte,
Até que possi beber;
Se isso bém lhe não fizer,
Em se curar mais não lide,
Conforme-se nos pesares;
Tome banhos, mude de ares.

ANNUNCIOS

O collegio do sexo femenino na chacara é rua de S. Jesé n.º 13, acha-se funcionando desde o 1.º do corrente mez. Parahiba, em 24 de Fevereiro de 1884.

Balbina Elzida de Vasconcello Maranhã.

—»«—

Vendem-se duas casas citas á rua do Portinho; sendo uma a de n.º 32, e outra, com armação para venda, que faz esquina com a rua da Rapoza.

Quem pretendel-as dirija-se a esta typographia que se dirá com quem deve tractar.

Typ. LIBERAL, rua Duq. de Caxias, n.85